

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA-UNIFOR-MG**

**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**CAMYLA CAROLYNE BELO**

**DESENHO INFANTIL: UMA FORMA DE COMUNICAÇÃO QUE PODE SER  
DECIFRADA E COMPREENDIDA PELO PROFESSOR**

**FORMIGA - MG**

**2017**

CAMYLA CAROLYNE BELO

DESENHO INFANTIL: UMA FORMA DE COMUNICAÇÃO QUE PODE SER  
DECIFRADA E COMPREENDIDA PELO PROFESSOR

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
ao curso de Licenciatura em Pedagogia do  
UNIFOR-MG, como requisito para obtenção  
do título de Pedagogo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Celma Alves Fonseca  
Vilela

FORMIGA - MG

2017

B452 Belo, Camyla Carlyne.

Desenho infantil: uma forma de comunicação que pode ser decifrada e compreendida pelo professor / Camyla Carlyne Belo. – 2017.  
47 f.

Orientadora: Celma Alves Fonseca Vilela.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia)-Centro Universitário de Formiga-UNIFOR, Formiga, 2017.

1. Educação Infantil. 2. Desenho. 3. Criança. I. Título.

CDD 372.21

Camyla Carolyne Belo

DESENHO INFANTIL: UMA FORMA DE COMUNICAÇÃO QUE PODE SER  
DECIFRADA E COMPREENDIDA PELO PROFESSOR

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
ao curso de Licenciatura em Pedagogia do  
UNIFOR-MG, como requisito para obtenção  
do título de Pedagogo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Celma Alves Fonseca  
Vilela

BANCA EXAMINADORA

---

Celma Alves Fonseca Vilela  
Orientadora

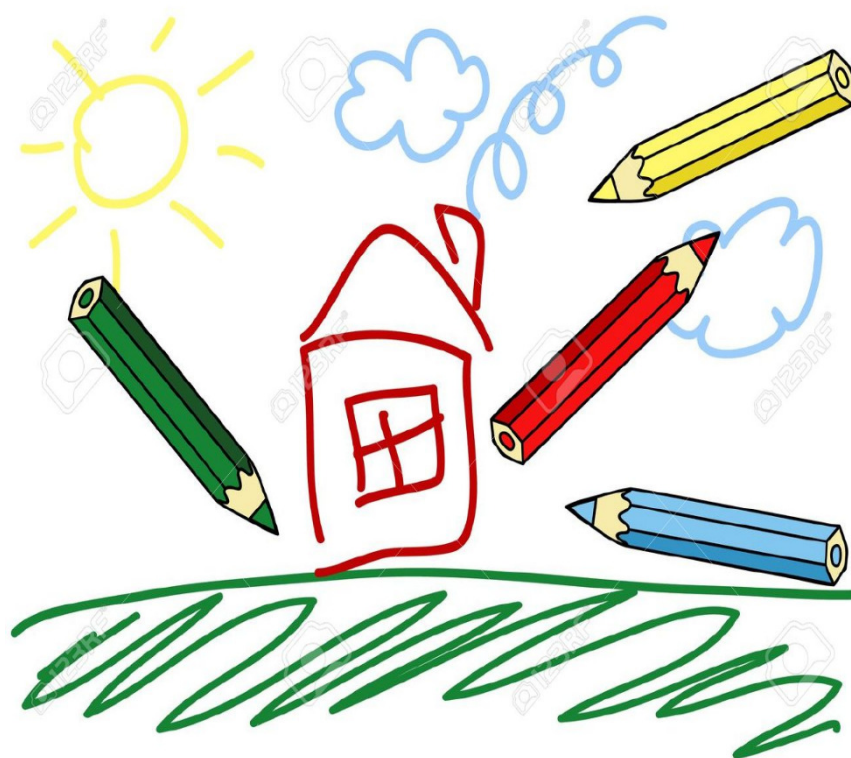
---

Prof<sup>a</sup> Ma. Neiva Maria Rodrigues  
UNIFOR - MG

---

Prof<sup>a</sup> Fernanda Maria Couto  
UNIFOR - MG

Formiga, 1 de novembro de 2017.



Dedico este trabalho aos meus pais, José e Maria, que tanto contribuíram para a minha formação. À minha sobrinha Isabella, que representa o amor mais lindo e puro que existe no mundo. E, em especial, a todas as crianças que, através do sublime ato de desenhar, nos convidam a apaixonarmos pelos seus traços, por suas cores e nos atraem para esse mundo maravilhoso que o desenho proporciona.

## AGRADECIMENTOS

“A persistência é o menor caminho do êxito”. (Charles Chaplin)

Lutei fielmente na esperança deste sonho se concretizar, por acreditar que esse dia chegaria.

Agradeço a Deus, acima de tudo, por nunca me desamparar e sempre ter guiado meus passos, por ter me dado o privilégio dessa conquista, pois sem Ele não estaria aqui.

Com carinho especial aos meus pais, José e Maria, minhas valiosas pérolas, que sempre estiveram presentes e trabalharam dobrado, se abdicaram de seus sonhos para se dedicarem e acreditarem no meu.

À minha irmã Monaliza, que sempre esteve presente aconselhando, apoiando e também por ouvir as minhas leituras e me ajudar a tomar decisões.

À minha sobrinha Isabella, por ser a força e impulso para eu seguir em frente.

À minha família que esteve presente nessa trajetória me apoiando e respeitando meus momentos de ausência.

À minha orientadora, Professora Celma Vilela, por seu carinho, compreensão e companheirismo nesta grande construção que tanto significa para mim.

A todos os meus Professores e Mestres, por se empenharem em passar todo o seu conhecimento para que eu tivesse a melhor base possível ao longo da minha vida acadêmica. Devido a vocês e seus ensinamentos sei que serei uma boa profissional.

A todos os meus colegas de classe, que, apesar de algumas divergências, sempre nos unimos em prol do melhor para a turma.

Às amigas que conquistei nesses anos de convivência, obrigada por terem me dado a oportunidade de fazer de vocês minhas amigas especiais. Estarão sempre em meu coração. O meu muito obrigada: Letícia Vieira, Nádia Ferreira, Claudinéia Felipe e Rosana Angélica.

Agradeço à minha amiga, Letícia Vieira, por me ajudar nessa caminhada, por nunca me deixar desistir e por sempre ter os melhores conselhos. Amiga, você foi um presente que a faculdade me deu enviado por Deus.

À minha amiga Nádia Ferreira, que sempre me acolheu em sua casa quando precisei, e me mostrou um lado belo da vida.

Não poderia deixar de agradecer minha amiga Patrícia que, infelizmente, me deixou muito cedo, mas sempre se fez presente em meus pensamentos! À minha querida vó Mariêta, que partiu sem ao menos se despedir e que agora é meu anjo protetor: sinto sua presença na saudade de seu abraço, mas por todo tempo sinto que cuidas de mim!

## RESUMO

O desenho infantil torna-se um aliado da expressão da criança e apresenta-se como uma via de comunicação, tanto em seu meio social quanto em seu meio escolar. A fundamentação deste trabalho está baseada em um estudo bibliográfico, no qual aponta significativas reflexões referentes ao desenho infantil. As considerações apresentadas permitiram análises quanto ao significado não só do desenho realizado pela criança, mas também sobre os diferentes materiais selecionados, do espaço utilizado, das cores empregadas no ato de desenhar, diferentes fases do grafismo, e outros pontos pertinentes e importantes para o docente, para que, de uma forma mais eficaz, ele possa aplicar a metodologia mais correta para o ensino-aprendizagem de seus alunos. Portanto, foi possível analisar que o desenho se torna um viés de comunicação entre o professor e o aluno, e cabe ao docente, buscar de uma forma sutil, observar e analisar as características presentes no mesmo, para a busca de uma prática pedagógica mais eficaz, de acordo com cada perfil.

Palavras-chave: Educação Infantil. Desenho. Criança.



## **ABSTRACT**

Children's drawing becomes an ally of the child's expression and presents itself as a means of communication, both in their social environment and in their school environment. The basis of this work is based on a bibliographical study, in which it points out significant reflections referring to children's drawing. The considerations presented allowed us to analyze the meaning not only of the child's drawing, but also about the different materials selected, the space used, the colors used in the drawing, different phases of the graphic design, and other pertinent and important points for the teacher, so that, in a more effective way, he can apply the most correct teaching-learning methodology for his students. Therefore, it was possible to analyze that the design becomes a communication bias between the teacher and the student, and it is up to the teacher, to search in a subtle way, to observe and to analyze the characteristics present in the same one, in order to search for a more effective pedagogical practice, according to each profile.

Keywords: Early Childhood Education. Drawing. Child.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Um desenho pequeno .....	22
Figura 2 – Um desenho grande .....	23
Figura 3 – Famílias felizes .....	24
Figura 4 – Um traçado com pressão leve.....	26
Figura 5 – Um traçado com pressão mais forte.....	26
Figura 6 – Desenho representando família .....	30
Figura 7 – Desenho de uma árvore.....	34
Figura 8 – Árvore de poucas folhas .....	35
Figura 9 – Árvore de criança de cinco e seis anos .....	35
Figura 10 – Árvore de criança de sete anos .....	36
Figura 11 – Usando todo papel .....	37
Figura 12 – Na parte mais alta do papel .....	37
Figura 13 – Na metade do papel .....	38
Figura 14 – Na parte mais baixa do papel com muito espaço em cima .....	39
Figura 15 – Uma árvore com frutos .....	41
Figura 16 – Uma árvore adornada .....	41

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Simbolismo espacial .....	21
--------------------------------------	----

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>DESENHO: UM BREVE PERCORRER PELA HISTÓRIA.....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>DO ENTENDER AO SER: ANÁLISE DO DESENHO LIVRE.....</b>	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>CADA DESENHO UMA HISTÓRIA: CADA IDADE UMA REPRESENTAÇÃO .....</b>	<b>29</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>43</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que “o desenho é uma linguagem gráfica em que a criança deixa registrada a sua história”. (HANAUER, 2013, p.80). Ou seja, através do desenho a criança expressa suas emoções, seus desejos, seu ponto de vista em relação ao ambiente em que vive e outras características que se podem fazer importantes para o entendimento do perfil da criança.

Conforme Derdyk, 1989, p. 51, “O desenho é a manifestação de uma necessidade da criança: agir sobre o mundo que a cerca; intercambiar, comunicar”. Dessa forma, entende-se que a criança utiliza do desenho como forma de manifestar sua voz, através da retratação de sua realidade com a utilização dos traços e cores que desenha.

Diante do exposto, faz-se necessário o estudo do desenho em face à educação infantil, por se tratar de uma ferramenta que a criança gosta de utilizar, que está facilmente disposta para utilização do professor, e que, presente na sala de aula, eleva a potencialidade de crescimento e desenvolvimento da criança, e agrega facilidade no processo de escolha do professor para uma melhor prática pedagógica a se aplicar.

A pesquisa tem por objetivo apresentar uma visão sobre a importância do desenho infantil para o desenvolvimento da criança, explorando as vertentes do desenho livre e do desenho orientado, assim como, também responder a uma questão problematizadora que norteia toda a investigação: “O desenho infantil pode ser utilizado como subsídio para o professor conhecer o aluno e apoiar sua prática educativa? ”

Para responder a essa questão utilizou-se como metodologia de trabalho a revisão bibliográfica, amparada pela análise teórica de livros, revistas, publicações avulsas, periódicos, e artigos digitalizados a respeito da temática abordada, tendo-se como referenciais as ideias de autores como Moreira (1987), Derdyk (1990), Gondim (2012), Hanauer (2013), Ferreira (2015), Aurélio (2016), entre outros.

A pesquisa apresenta-se organizada em três capítulos, que abordam de forma mais detalhada o assunto. O primeiro é composto por um breve referencial histórico sobre o desenho e uma abordagem teórica sobre as fases que o grafismo pode apresentar. Em sequência, as reflexões discorrem em torno do desenho livre e

das características que podem ser observadas, havendo ilustrações como fonte de exemplificação e entendimento. Por fim, o terceiro capítulo está vinculado ao desenho orientado e apresenta um modelo de teste que o professor pode aplicar para que, com maior facilidade, compreenda seu aluno e busque uma metodologia de ensino-aprendizagem mais eficaz.

Ao final da pesquisa estão situadas as considerações finais, onde são expostas aprendizagens referentes ao estudo, evidenciando a importância do desenho para o conhecimento do perfil da criança, pelo docente, no processo de alfabetização.

## 2. DESENHO: UM BREVE PERCORRER PELA HISTÓRIA

Quando se entrega um lápis, ou caneta e papel para uma criança, sem que você lhe ordene, ela logo inicia alguns traçados e/ou formas. Esses traçados e formas denominam desenhos.

Para Hanauer (2013, p. 76), desenho é definido como um “processo pelo qual uma superfície é marcada, aplicando-se sobre ela a pressão de um objeto”.

Segundo Bueno (2001), desenho é uma representação por meio de linhas.

Para Ferreira (2016), desenho significa a arte de desenhar, ou seja, a reprodução por meio de linhas e sombras.

Enquanto Moreira (1987) amplia o conceito de desenho e afirma: “além do traço no papel ou em qualquer superfície, a maneira como a criança concebe o seu espaço de jogo (por meio de suas brincadeiras) com os materiais de que dispõe também se entende por desenho”.

Mas, desenho não se relaciona somente a marcas, traços e espaço de brincadeiras. Ele também é uma forma de representação do pensamento, de comunicação e de se entender como procede o desenvolvimento global da criança.

Portanto, é necessário que os desenhos não sejam vistos somente como riscos em um papel, mas sim como um estágio no processo de abertura do mundo para as crianças. Sendo assim, há necessidade de que os educadores e pais, em conjunto, trabalhem da melhor forma possível o expressionismo do ser, ou seja, ajudem as crianças a desenharem, a se expressarem livremente, buscando entender cada vez mais esta janela de comunicação.

Nessa perspectiva, Ferreira (2015) explica:

O desenho é uma das formas humanas de representação do pensamento. Desenhando a criança pode apresentar de que forma vê o mundo, de que maneira esse processo acontece e até mesmo indicar as dificuldades na área da cognição. Também é uma das manifestações do desenvolvimento da criança ao lado da afetividade, pensamento e motricidade. Entender como a criança desenha permite entender seu desenvolvimento global. (FERREIRA, 2015, p. 7).

Nesse sentido, o desenho representa para a criança uma forma de transpor seus sentimentos e o mundo que a rodeia.

O desenho é uma linguagem muito antiga e, ao mesmo tempo, muito atual. Ele sempre fez parte da vida do ser humano e até os dias atuais é uma ferramenta muito utilizada.

Sobre esse aspecto Derdyk (1990) afirma:

O homem sempre desenhou. Sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples, teimosamente acompanha nossa aventura na Terra (DERDYK, 1990, p. 10).

Dessa forma, durante essa “aventura na Terra”, ao longo da história, o desenho apresenta-se como uma linguagem universal, que permeia a sociedade e as culturas existentes e se transforma conjuntamente à evolução do homem.

Segundo Morais e Curvelo (2015, p. 1) “as manifestações artísticas mais antigas, relacionadas ao desenho, de que se tem conhecimento hoje, datam, aproximadamente, de 40 mil anos atrás, período da pré-história, também chamado de período Paleolítico Superior”.

A essas manifestações artísticas foi dada a nomenclatura de pinturas rupestres: pinturas realizadas em paredes, tetos, ou outras superfícies das cavernas que expressam sentimentos, desejos ou conquistas do homem pré-histórico. Elas também podem representar um fato que aconteceu ou ainda um não ocorrido, que seria a imaginação criadora, a qual pressupõe que, se não ocorreu, logo o será. Em outras palavras, o homem primitivo, inconscientemente, se via na necessidade de contar o que se passava com ele, seus conflitos e pensamentos e, para isso, começou a utilizar símbolos/desenhos para se comunicar.

Chauí (2000, p. 1) assim, afirma sobre a percepção e imaginação do homem: “percebemos e imaginamos ao mesmo tempo, embora perceber e imaginar sejam diferentes”. Isso mostra que o homem pré-histórico, desde quando começou a fazer seus primeiros registros, sempre esteve em busca de mais, de um maior conhecimento e em busca de uma melhor comunicação. Com isso passou a ater-se com mais detalhes em como aconteciam os fatos, na forma, no lugar e como faria o registro.

Além disso, o homem primitivo começou a se despertar pela religiosidade e passou a registrar imagens carregadas de símbolos que remetiam à espiritualidade, utilizando a imaginação fabulosa.



Gondim (2012) esclarece como essa imaginação fabulosa deu origem à espiritualidade do homem pré-histórico:

Rituais religiosos passaram a ser pintados. Somente através da imaginação humana em busca do conhecimento é que foi aberta a possibilidade de se conceber o sobrenatural, a duvidar do que está perceptível aos olhos. Por isso, o surgimento da religião é um marco importante na evolução da mente humana. (GONDIM, 2012, p. 4)

Dessa forma, o surgimento da religião é um marco importante para a evolução, porque por intermédio dela surgiram as primeiras buscas pelo conhecimento.

Vale ressaltar que o desenho rupestre foi uma forma de comunicação inquestionável, pois, por meio da simbologia conseguia-se transmitir, para qualquer um da tribo, o que havia acontecido naquele lugar. Isso nada mais é do que uma forma de linguagem que utilizava símbolos e não a escrita. Nas palavras de Chauí (2000): “uma linguagem onde a comunicação fluía com naturalidade”.

Sobre o desejo e a necessidade do homem pré-histórico se comunicar, Chauí (2000) ainda complementa:

Desde que um homem foi reconhecido por outro como ser sensível, pensante e semelhante a si próprio, o desejo e a necessidade de comunicar-lhe seus sentimentos e pensamentos fizeram-no buscar meios para isso. (CHAUÍ, 2000, p. 172)

Diante o exposto, o desenho (a simbologia) passou a ser o meio de comunicação mais utilizado pelo homem nessa época.

Contudo, ao se falar do homem pré-histórico, de simbologia, de arte rupestre, não se sabe com precisão o que a mesma quer transmitir, qual o significado exato de cada figura. O que se sabe é que a interação entre os integrantes de uma comunidade é que produz símbolos e estabelece significados.

Sobre essa significação, Santaella (2001) afirma:

É a construção de signos que, na interação com os receptores, produzem significados. [...] Essa negociação implica a experiência cultural baseada em códigos e signos compartilhados em maior ou menor medida. Assim sendo, a mensagem não é algo avaliado em A para B, mas um elemento de uma relação estruturada que inclui o emissor/receptor e a realidade externa. (SANTAELLA, 2001, p. 31)

Dessa forma, o homem primitivo se expressa pelo naturalismo, ou seja, reporta em suas imagens e em seus símbolos, o que enxerga no seu dia a dia. Portanto, é criada uma relação estruturada de comunicação entre receptores e emissores durante a construção da realidade de mundo vivido.

Uma vez que o desenho, já nos seus primórdios, representava sentimentos, desejos e/ou a realidade vivida, na contemporaneidade isso não se modificou.

O interesse pelo desenho infantil iniciou-se no fim do século XIX: primeiramente ocorreu a descoberta da infância, por volta de 1880 a 1900 e, seguido disso, a descoberta da interpretação do desenho.

Conforme Ferreira (2015) os primeiros estudos sobre a produção gráfica das crianças datam do final do século XIX. Antes dessa época as crianças eram vistas como adultos em miniaturas, sem que sua originalidade e evolução fossem reconhecidas através do desenho.

Georges Henri Luquet<sup>1</sup> (1969 apud Hanauer, 2013, p. 78) foi um dos primeiros a estudar o desenho infantil, buscando entender como a criança desenha e, em sua concepção ele apresenta as seguintes etapas gráficas: “Realismo Fortuito, Realismo Falhado, Realismo Intelectual e Realismo visual.”

Assim, Luquet<sup>1</sup> (1969 apud Hanauer, 2013, p. 78-79) explica cada uma dessas etapas:

No realismo fortuito a criança faz os traços sem um objetivo específico, e descobre pelo acaso uma semelhança entre seu desenho e um objeto [...] o mais caracterizado é o gesto motor. No realismo falhado a criança descobre a identidade da forma [...] desenho por imagens desproporcionais. No realismo intelectual o desenho contém elementos semelhantes ao objeto [...] coerência a sua figura. E por fim no realismo visual a criança representa apenas os elementos visíveis do objeto e realiza críticas [...] influências sociais, históricas e culturais. (LUQUET<sup>1</sup>, 1969 apud HANAUER, 2013, p. 78-79).

Essas etapas gráficas apresentam o quadro evolutivo do desenho infantil: inicialmente a criança descobre o ato de desenhar através da expressão de linhas sem aspectos concretos e formais e, aos poucos, modifica sua construção através da significância e das proporcionalidades, utilizando, para isso, a realidade que vive, associada à sua evolução cognitiva e motora.

---

<sup>1</sup> LUQUET, G.H. **O desenho infantil**. Porto: Livraria Civilização, 1969.

Assim como Luquet, também Lowenfeld e Brittain (1977), identificam diferentes estágios de evolução do desenho infantil, baseados na interação e no desenvolvimento integral da criança.

Para Lowenfeld<sup>2</sup> (1977 apud Hanauer 2013, p. 78) “as etapas designam-se como: garatujas, estágio pré-esquemático, esquemático e realismo nascente:”

Garatujas (2 aos 4 anos) a criança constrói seus primeiros rabiscos espontâneos e traços desordenados. Estágio Pré-esquemático (4 aos 7 anos) a criança faz a representação de pessoas, objetos e características do mundo que a permeia. Esquemático (7 aos 9 anos) os desenhos tornam-se mais estruturados com maiores detalhes. Realismo Nascente (9 aos 12 anos) a criança projeta suas produções com maior consciência, de uma forma ordenada e com minuciosidade de detalhes (LOWENFELD, 1977, apud Hanauer 2013, p. 78).

Como se vê, tanto Luquet (1977) quanto Lowenfeld (1977) destacam que o desenho acompanha a criança em seu processo de crescimento. Ou seja, as características dos desenhos são ampliadas com melhores formas, cores, expressões e significações, conforme a criança desenvolve sua coordenação motora e psicológica.

Dessa forma, o ser humano necessita, para sua evolução, abranger-se de uma diversidade de estímulos durante seu período de crescimento. Para tanto, segundo Possa e Vargas (2014, p. 1), “o desenho se apresenta como uma grande representatividade neste desenvolvimento”.

Vale ressaltar que, conforme Ferreira (2015), as crianças com necessidades especiais apresentam características próprias, diferenciadas das citadas, por apresentarem desequilíbrio entre idade cronológica e mental e até mesmo algum comprometimento motor.

Apesar dessas diferenças, para Moreira (2008), toda criança desenha utilizando um instrumento que deixa uma marca: a varinha na areia, a pedra na terra, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos muros e nas calçadas, o lápis, o pincel com tinta no papel. A criança, enquanto está brincando, deixa sua marca e se permeia por um espaço de criação onde traça seus pensamentos, ideias, sonhos, medos, anseios e desejos. Na escola, isso não é diferente, quando chega na educação infantil, o desenho da criança expressa o seu desenvolvimento, trazendo

---

<sup>2</sup> LOWENFELD, V. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

consigo a representatividade de seus sentimentos, ideias, desejos, vontades e, principalmente, sua concepção de mundo.

De acordo com Lowenfeld (1977):

No processo de selecionar, interpretar e reformar esses elementos, a criança proporciona mais do que um quadro ou uma escultura, proporciona parte de si próprio como pensa, como sente e como vê. Para ela, arte é atividade dinâmica e unificadora. (LOWENFELD, 1977, p.13)

Um outro aspecto a se destacar é que não se deve generalizar as interpretações dos desenhos realizados pelas crianças, haja vista que é necessário analisar junto ao desenho, o contexto com o qual ele foi elaborado.

Assim Lowenfeld (1977, p. 35) afirma “cada desenho reflete os sentimentos, a capacidade intelectual, o desenvolvimento físico, a acuidade perceptiva, o envolvimento criador, o gosto estético e até a evolução social da criança, como indivíduo”.

É necessário entender que o desenho infantil não pode ser compreendido somente como um ato mecânico. Deve-se perceber que cada gesto e movimento realizado tem sua função simbólica, principalmente para a criança que se encontra em constante desenvolvimento.

Conforme Derdyk (1990):

A criança, a grande autora dos eventos mantém uma relação de prazer que impulsiona e estimula este seu fazer. O corpo inteiro da criança desenha concentrado na pontinha do lápis, que lhe abre a possibilidade da experiência da conquista das formas. O desenho estabelece um elo de participação entre a criança e o mundo, evocando e despertando formas, imagens, significados, através de seus recursos materiais. (DERDYK, 1990, p. 106).

Dessa forma, a ação de desenhar, torna-se indispensável no cenário educacional, conforme Hanauer (2013, p. 81), “cabem aos educadores oferecerem às crianças condições que estimulem o gosto pela arte de registrar o mundo num pedacinho de papel, permitindo a elas a possibilidade de criar, inventar e sonhar.”

### **3. DO ENTENDER AO SER: ANÁLISE DE DESENHO LIVRE**

Toda criança adora desenhar e trabalhar com cores. Faz isso com grande alegria e concentração.

Sendo assim, a atividade de desenhar deve representar para ela um momento de espontaneidade e prazer e não de imposição, garantindo-lhe um momento de livre expressão de seu ser.

Contudo conforme Araújo e Fratari (2011, p. 6) “a intervenção indireta poderá haver para que contribua para o desenvolvimento da criança”. E, na escola, essa intervenção é realizada pelo professor, mas não pode se tornar um processo autoritário, pois a criança deve ser estimulada a desenhar e seu desenho deve ser valorizado tal qual foi criado.

Freinet (1969) estabelece críticas a respeito da educação escolástica quando contesta o método mecânico de aprendizagem que a escola tradicional estimula. Dessa forma, o autor defende uma ideia de educação e de valorização do desenvolvimento natural da criança, ao contrário dos métodos tradicionais. Freinet (1969, p. 74) afirma: “Desejamos a educação pelo trabalho, uma cultura que resulte da atividade laboriosa das próprias crianças, uma ciência filha da experiência um pensamento constantemente determinado pela própria matéria e pela ação”

Assim, quando a criança fica confortável podendo, pelo desenho, se expressar da forma que deseja, o meio onde se encontra é um elemento fundamental para o incentivo à aprendizagem.

Um desses meios é a escola, portanto é por essa razão que na escola essa liberdade de expressão deve ser respeitada e, acima de tudo, potencializada pelo professor. Sobre o que se refere à escolarização Moreira (1997) salienta a necessidade do respeito ao desenho infantil não apenas por ser uma forma de liberdade, mas também porque é um tipo de linguagem que a criança utiliza para se comunicar com o mundo.

Sobre esse aspecto, Freinet (1977) afirma:

A criança só poderá falar de si pelo desenho quando estiver segura do lápis. Até lá, a técnica é demasiado imperfeita e o instrumento falha a cada instante. A criança tira vantagem disso e realiza os seus desenhos segundo o princípio da tentativa experimental que definimos. Depois ajusta, como lhe for possível, a sua expressão verbal à sua criação gráfica, mas um pouco como se estes grafismos não lhe fossem pessoais (FREINET, 1977, p. 91-92).

Se por meio do desenho a criança fala de si, é importante que pais e principalmente educadores saibam interpretar tais produções. Para isso, é importante fazer uma análise não somente do desenho, mas também direcionar essa análise perpassando pela escolha do material que a criança seleciona, a orientação espacial que utiliza para, só então, partir para o desenho.

Sobre o significado da escolha do material Bérdat<sup>3</sup> (2010, apud Pereira, 2014) esclarece:

O lápis de ponta fina é preferido por aqueles que visam o conforto e o luxo, os que possuem preferência por ponta média se relaciona à adaptabilidade e flexibilidade, o lápis de ponta mais grossa é o preferido pelas pessoas que não gostam de mudar facilmente as próprias opiniões, sendo pouco influenciáveis, no entanto, gostam de exercer sua influência sobre os outros. No caso das crianças, as mesmas atitudes estariam relacionadas à preferência pelo uso da aquarela, lápis de madeira e lápis de cera. (BÉRDAD<sup>3</sup>, 2010, apud Pereira, 2014, p. 1).

Além da escolha do lápis a ser utilizado para desenhar, a escolha do tamanho do papel utilizado também traz significações.

Bérdat<sup>3</sup> (2010, apud Pereira, 2014) explica:

Um papel pequeno mostra capacidade de introversão e concentração, mas também poderia indicar falta de confiança ou o sentimento pessoal de que há poucas necessidades a serem satisfeitas. Traços fracos, superficiais ou vacilantes caracterizam falta de confiança nas próprias possibilidades. A opção por uma folha de formato médio indica capacidade de ajustamento e flexibilidade, com boa relação interpessoal. No caso da escolha da folha de papel grande, isso mantém relação com o sentimento pessoal de ser capaz de realizar coisas socialmente significativas. Essa criança busca os contatos sociais e evita a solidão. Às vezes poderá chegar a se comportar de uma forma que indique um sentimento de superioridade em relação aos demais. (BÉRDAD<sup>3</sup>, 2010, apud Pereira, 2014, p. 1)

---

<sup>3</sup> BÉDARD, Nicole. Como interpretar os desenhos das crianças. Editora Isis: São Paulo, 2010

Não somente a escolha do tamanho do papel demonstra características da criança, mas também como ela utiliza o espaço desse papel pode trazer revelações importantes.

Sobre a forma como a criança utiliza o espaço do papel Bérdat<sup>3</sup> (2010, apud Pereira, 2014) afirma:

O espaço superior da folha guarda relação com o intelecto da criança, sua imaginação, curiosidade e desejo de descoberta. A parte inferior relaciona-se a necessidades “físicas” ou “materiais” que a criança pode apresentar. O lado esquerdo do papel guarda relação com o passado, os acontecimentos a ele relacionados e a dificuldade de vivenciar o momento presente ou o futuro. O uso do centro do papel tem relação com o momento presente. Essa criança é descrita como alguém que não vivencia ansiedades ou tensões. A utilização do espaço à direita mostra a tendência a pensar exclusivamente no futuro. (BÉRDAD<sup>3</sup>, 2010, apud Pereira, 2014, p. 1)

Crotti e Magni (2011) também se posicionam sobre o significado da orientação espacial utilizada pela criança (TAB.1):

Tabela 1 – Simbolismo espacial

Área superior pensamento	recordação	imaginação	sonho
Área mediana realidade, naturalidade	laços com as origens	egocentrismo	eu projetado para o futuro
Área inferior materialidade	medo	insegurança	desejo
	Área esquerda passado	área central presente	área direita futuro

Fonte: Crotti e Magni (2011, p. 71).

<sup>3</sup> BÉDARD, Nicole. Como interpretar os desenhos das crianças. Editora Isis: São Paulo, 2010.

Outra característica que pode ser analisada em um desenho livre é a sua dimensão, ou seja, o tamanho das formas utilizadas.

Bérdad<sup>3</sup> (2010, apud Pereira, 2014) salienta:

Formas grandes estão relacionadas ao sentimento de segurança ou então ao desejo de chamar atenção. No primeiro caso seria uma afirmação de seu lugar na vida, enquanto que no segundo seria a expressão do desejo de consegui-lo. O desenho muito pequeno pode indicar a conformidade com a necessidade de pouco espaço ou mesmo falta de confiança em si mesma. (BÉRDAD<sup>3</sup>, 2010, apud Pereira, 2014, p. 1).

É importante salientar que a medida do desenho deve iniciar a partir do alto, da cabeça, incluindo cabelo ou chapéu até os pés. E ainda que a dimensão total de um desenho corresponde à percepção que a criança possui de si mesma, do seu corpo e de sua imagem no seu entorno.

Crotti e Magni (2011) exemplificam (FIG. 1 e FIG. 2) sobre a dimensão utilizada pela criança ao desenhar:

Figura 1 – Um desenho pequeno



Fonte: Crotti e Magni (2011, p. 73).

---

<sup>3</sup> BÉDARD, Nicole. Como interpretar os desenhos das crianças. Editora Isis: São Paulo, 2010.



O desenho da FIG. 1 é pequeno em proporção ao tamanho do papel apresentando uma medida da cabeça aos pés, também pequena. Conforme os autores citados isso pode significar que a criança é insegura, não é confiante em si.

Figura 2 – Um desenho grande



Fonte: Crotti e Magni (2011, p. 74).

Já na FIG. 2 a criança utiliza toda a folha e a dimensão que o papel oferece. A medida do desenho, é bem maior que a da imagem da FIG. 1.

As cores utilizadas nos desenhos também revelam características da criança e permitem uma análise do âmbito emocional e afetivo da mesma. Elas também indicam como estão os estágios de maturidade dessa criança.

Conforme Bérdad<sup>3</sup> (2010, apud Pereira, 2014, p.1):

As cores fortes como vermelho, laranja e amarelo estariam relacionadas à criança exigente, que deseja chamar atenção para si. As cores suaves como o azul e o verde, apontam para um comportamento social adequado. (BÉRDAD, 2010, apud Pereira, 2014, p.1):

Crotti e Magni (2011) também deixam suas contribuições a respeito da significação das cores:

---

<sup>3</sup> BÉDARD, Nicole. Como interpretar os desenhos das crianças. Editora Isis: São Paulo, 2010.

O azul representa: calma, serenidade, ausência de competição e entendimento, o verde: repouso, satisfação, equilíbrio, tranquilidade e esperança, o vermelho: atividade, vivacidade, energia, ambição, vitalidade, emoção, excitação, paixão e valor, o amarelo: adaptação, energia, dinamismo, abertura e intuição, o violeta: tristeza, inquietude, desejo, domínio das paixões, sentido religioso, idealismo e pudor, o marrom: seriedade, amargura, intolerância dos conflitos, prudência e o negro: vida interior rica, medos, ansiedade, reserva, pudor, melancolia e sofrimento. (CROTTI E MAGNI, 2011, p. 106 e p. 107).

A próxima imagem (FIG. 3) exemplifica a utilização de cores pela criança:

Figura 3 – Famílias felizes



Fonte: Crotti e Magni (2011, p. 95).

Conforme posicionamento dos autores Crotti e Magni (2011), em relação à seleção das cores pode-se realizar uma análise a partir da FIG. 3, que no desenho da primeira família a criança utiliza a cor vermelha nos três personagens mais velhos, o que pode representar respeito e vivacidade dos papéis de maior responsabilidade que essas pessoas exercem na família. É utilizada, também, a cor azul, que representa entendimento entre os membros da família e um comportamento social familiar adequado.

Na segunda família representada observa-se a mistura de cores ao desenhar o corpo dos personagens, mas analisa-se que os membros superiores de todos os

três personagens são colocados na cor azul, o que pode representar para a criança a serenidade e calma que sua família transmite para ela.

Além das cores, outra característica que pode ser observada em um desenho e que também traz significação sobre a criança é a qualidade do traçado utilizado.

Segundo Bérdat<sup>3</sup> (2010, apud Pereira, 2014):

Um traço contínuo demonstra um espírito dócil. O traço manchado ou cortado aponta para a existência de instabilidade ou de necessidades experimentadas no momento, como a possibilidade de que tenham ocorrido mudanças, bem como a insegurança vivenciada no momento diante das mesmas. O traço oblíquo somente indicará a presença de agressividade se a pressão for exercida demasiadamente. (BÉRDAD<sup>3</sup> 2010, apud Pereira, 2014, p. 1).

Dessa forma, o traço passa a ser um índice técnico que permite captar elementos emocionais da criança. Além de analisar o tipo de traço, é importante também analisar a pressão exercida para a realização desse traçado, pois a pressão exercida também exprime características da criança.

Bérdat<sup>3</sup> (2010, apud Pereira, 2014, p.1) assim explica:

A pressão exercida com entusiasmo e vontade diferencia-se da pressão exagerada que, como já mencionado, tem relação com a agressividade. Condições específicas, entretanto, podem influenciar nesse sentido. Assim, um traço fraco pode ser indicador de falta de convicção, mas também resultado do cansaço físico. (BÉRDAD<sup>3</sup> 2010, apud Pereira, 2014, p. 1).

Sendo assim, a pressão utilizada em um desenho é indicativo de sensibilidade, entusiasmo e decisão, ou indicativo de agressividade, conforme Crotti e Magni (2011, p. 103). É importante também analisar a forma como a pressão é distribuída para que seja realizada uma compreensão correta do desenho.

Crotti e Magni (2011) apresentam as seguintes imagens para exemplificar a pressão exercida em um desenho:

---

<sup>3</sup> BÉDARD, Nicole. Como interpretar os desenhos das crianças. Editora Isis: São Paulo, 2010.

Figura 4 – Um traçado com pressão leve

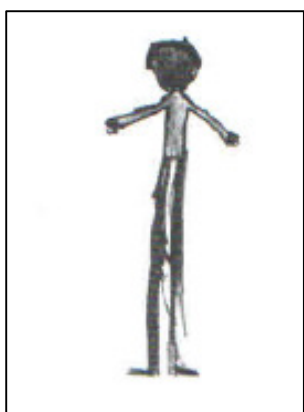


Fonte: Crotti e Magni (2011, p. 103).

Na FIG.4 o traçado é leve, o que pode significar, conforme o autor citado, uma criança sensível e favorável a estímulos.

A próxima imagem apresenta um desenho com traços realizados com mais pressão.

Figura 5 – Um traçado com pressão mais forte



Fonte: Crotti e Magni (2011, p. 103).

Nessa imagem FIG. 5 o traçado forte pode significar que quem a fez é uma criança entusiasmada, que enfrenta suas experiências com decisão e vivacidade. Ao se analisar o corpo desenhado vê-se que as pernas foram colocadas em evidência, o que mostra uma criança com indícios de querer sentir-se grande, de crescer, o que agregado com seu traçado forte, pode representar uma criança em busca de desafios.

Associado ao traçado do desenho, além da pressão exercida, pode-se observar e analisar, também, as formas utilizadas ao se fazer o mesmo.

Quanto a essas formas Bérdat<sup>3</sup> (2010, apud Pereira, 2014):

Linhas curvas são equivalentes simbólicos das cambalhotas e denotam alegria. Também se relaciona ao ciclo, indicando a predileção por retratar coisas que já conhece. O quadrado, formado por traços “mais rígidos”, está relacionado ao sentimento de solidão, determinação e “poder de decisão”. As formas quadradas teriam prevalência nos casos de crianças que têm maior necessidade de se movimentarem e gastar energia. Tem qualidades e necessidades, como espírito de competição e falta de compaixão. O triângulo representa elevação, conhecimento. Quando o vértice está para cima, indica uma relação com o conhecimento transcendente, enquanto que quando o vértice está para baixo, orientado para a terra, as coisas do mundo imediato têm especial importância para ela (BÉRDAD<sup>3</sup>, 2010, apud Pereira, 2014, p. 1).

Pereira (2014) ainda faz a seguinte observação sobre a significância dos desenhos:

É importante salientar que os significados dos desenhos não são absolutos, ou seja, um determinado símbolo ou desenho pode significar algo positivo ou negativo de acordo com a ocasião. Sendo, portanto, necessário que todas as hipóteses sejam analisadas e confrontadas ao contexto vivenciado pela criança. (PEREIRA, 2014, p. 1).

O professor, portanto, deve realizar uma análise do entorno da criança, para que a significância do desenho seja retratada de uma forma mais positiva e realista.

Conforme Araújo e Fratari (2011, p. 2) A educação visual deve ser considerada uma proposta educacional complexa diante as diversas possibilidades dos alunos transformarem seu conhecimento, devendo-se levar em consideração o modo que o aluno aprende e cria, e perceber as variadas formas do desenho, tais como: ponto, linha, plano, cor, luz, movimento e ritmo.

O educador deve ter consciência de que o desenho, para todas as crianças, incluindo as mais problemáticas, é uma forma espontânea de expressão. Portanto, saber interpretar seus rabiscos permitirá a esse educador compreender melhor suas necessidades, e assim, criar propostas de trabalho que sejam eficazes.

Para Santos (2016) os desenhos podem se apresentar de quatro tipos: memorização, observação, criativo e individual, sendo assim explicado cada um:

---

<sup>3</sup> BÉDARD, Nicole. Como interpretar os desenhos das crianças. Editora Isis: São Paulo, 2010.

Memorização: aquele realizado pela memória da criança. Observação: quando existe algo a ser observado pela criança, tendo o objetivo de transformá-lo no papel. Criativo: pode caracterizar-se por livre ou dirigido. Livre, quando vem da própria imaginação e criatividade e o dirigido quando o adulto estabelece um tema para a criança desenhar, sendo livre sua criação. Individual: o aluno tem seu próprio estilo, tendo sempre um estímulo do seu professor (SANTOS, 2016, p. 14).

Assim, é visto que para a criança, o desenho é uma expressão concreta de seus sentimentos e emoções. De um risco a um desenho complexo de formas e cores, a interpretação do desenho livre pode auxiliar no entendimento do que a criança está vivendo e buscar de uma maneira mais correta, auxiliar a criança em seu crescimento e desenvolvimento.

#### 4. CADA DESENHO UMA HISTÓRIA: CADA IDADE UMA REPRESENTAÇÃO

Na escola, deixar que a criança desenhe livremente é uma atividade de desenvolvimento muito interessante, pois permite a ela imaginar e colocar sobre o papel uma imagem do que sua vida pode estar representando naquele momento. Porém, para que seja feita uma análise mais completa e se atinja um objetivo mais estratégico de conhecer a criança, os desenhos orientados devem ser aplicados e analisados conforme necessidade de entendimento, pois segundo Tomé (2012) no momento em que a criança desenha, ela conta histórias, organiza em seu interior as ideias de mundo, por vezes, constrói também suas próprias ideias e expressa sentimentos que se encontram escondidos.

Portanto, cabe ao professor compreender o que ela expressa em seus desenhos, e para isso, existem métodos específicos.

Segundo Tomé (2012) podem ser utilizados dois métodos para se estudar o desenho infantil: o método estatístico e o método biográfico:

Método estatístico ou estudo transversal: é o estudo feito com um grande número de crianças de diferentes idades. Por esse método ficam-se conhecendo diversos aspectos do desenho infantil, como temas preferidos, características de várias idades e em cada sexo, ou as características que acontece em algumas idades e não em outras. Método biográfico ou estudo longitudinal: este método consiste em colocar muitos desenhos de uma mesma criança, desde as garatujas (rabiscos) até aproximadamente aos 12 anos. Somam-se com os desenhos, as condições em que a criança se encontrava ao realizá-los, as cores por ela escolhidas, o espaço por ela utilizado no papel, as expressões fisionômicas enquanto desenha, sua tonicidade e as figuras desenhadas e a importância e significado que a criança atribui a elas. (TOMÉ, 2012, p. 1).

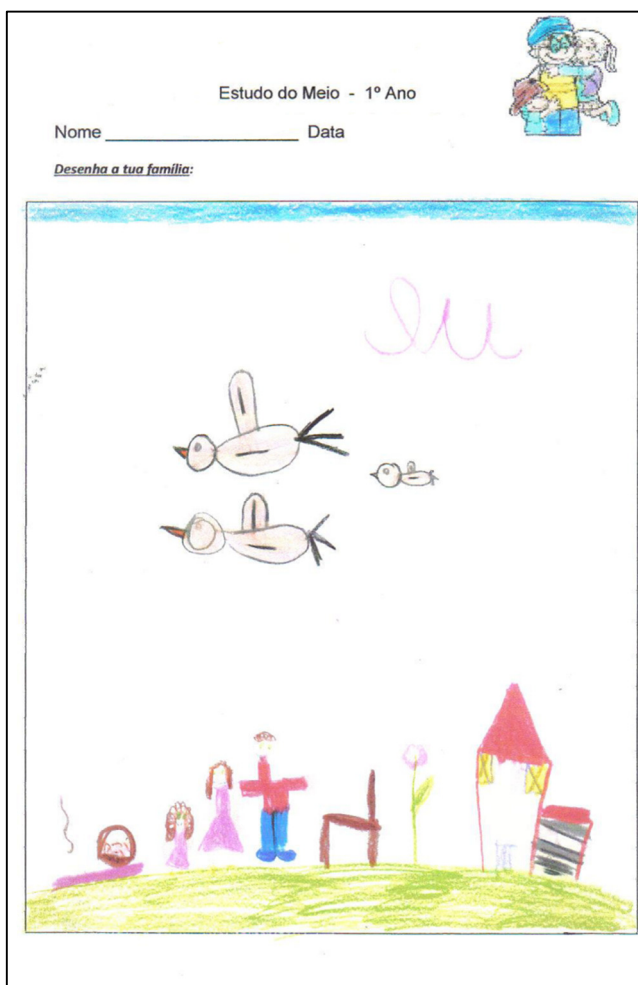
Ao utilizar essas técnicas o professor vai compreender o que está implícito no desenho realizado e transformá-lo em um importante meio de comunicação que desvenda realidades diversas sobre a criança.

Nesse sentido, Santos (2013, p. 2) salienta: “O desenho é uma forma de comunicação tal como a linguagem é uma verbalização”.

Para exemplificar seguem algumas análises de desenhos. O primeiro exemplo FIG. 6 apresenta um desenho realizado por uma criança de 6 anos de

idade, matriculado no primeiro ano do ensino fundamental. Na oportunidade foi solicitado pela professora que a criança<sup>4</sup> fizesse o desenho de sua família.

Figura 6 – Desenho representando família



Fonte: Santos (2013, p. 5). Disponível

em:<<http://educare.es.e.ipcb.pt/index.php/educare/article/download/30/9>>. Acesso em: 12 de agosto de 2017.

Santos (2013) faz uma rápida contextualização do ambiente familiar dessa criança:

---

<sup>4</sup> A criança é do sexo feminino



Vive na cidade, num pequeno apartamento, conjuntamente com os seus pais, a mãe é professora (34 anos) o pai é vendedor/distribuidor (35 anos), e é filha única. A menina tem uma boa ligação com os pais, foi amamentada até aos três anos, metade da sua vida esteve muito “próxima” da mãe. Teve a sua primeira dentição ao primeiro ano de idade, iniciou os primeiros passos com um ano de vida. Dos quatro meses até ao primeiro ano de idade esteve numa creche. Até perfazer os três anos esteve com uma tia-avó, de seguida foi para o jardim-de-infância. No ano letivo em causa, iniciou o primeiro ano de escolaridade. A menina nunca conheceu os avós maternos, e esporadicamente está com os avós paternos que estão separados (SANTOS, 2013, p. 4).

Baseado nessas informações sobre a criança e nas características que um desenho pode expressar, apresentadas no capítulo anterior, o professor consegue encontrar informações e significações no desenho apresentado pela criança.

Santos (2013) assim explica sobre as significações da figura 6:

Os elementos do desenho são situados em diferentes planos e escalonados de maneira a que cada um não fique oculto. A planificação está também existente no desenho, uma vez que vemos representados os objetos em projeção no solo, como se fossem vistos em linha reta. De um ponto de vista interpretativo, é fácil a percepção de uma estrutura emocional estável e equilibrada, apoiada numa segurança familiar expressa através do colorido geral do desenho e das figuras parentais desenhadas de uma forma harmoniosa. Relativamente ao núcleo familiar, constata-se uma semelhante tranquilidade visível nas cores empregues e na natural hierarquia inerente à estrutura interna da família: a filha coloca-se num plano mais abaixo dos pais uma vez que ela está sob os seus olhares atentos. (SANTOS, 2013, p. 5)

Dessa forma, a fase em que a criança se encontra denomina-se realismo intelectual, o qual inaugura o início da intenção representativa, quanto a orientação espacial e cores.

Outra característica também analisada é a estrutura dimensional.

A família está fora de casa, a realizar um piquenique, a filha encontra-se junto à mãe (provavelmente a pessoa mais importante), vestida da mesma forma e num tamanho menor. A menina revela um conceito definido quanto à figura humana. A mãe está mais próxima da filha por razões eventualmente relacionadas com o apoio e cuidados maternos. Por sua vez, o pai está mais afastado assumindo uma posição mais elevada, refletindo a eventual autoridade sócio-familiar que lhe é conferida. A casa desenhada na linha do solo, no seguimento do desenho das pessoas que nela habitam, é de grande importância para o diagnóstico, sendo assim desenhada como um sinal de estabilidade psíquica. Com efeito, há a indicação firme de contato com a realidade e de estrutura emocional e familiar sustentada numa base estável. (SANTOS, 2013, p. 5)

Quanto à pressão e formas utilizadas sobre o traçado e adornos utilizados, Santos (2013) traz:

Ocupação total da folha com traços suaves, com o céu e o chão definidos. De igual forma, a presença de detalhes agradáveis de teor positivo (flor, pássaros e o céu azulado) confirmam a percepção de uma família estável e harmoniosa. Observa-se também, junto à casa (com duas janelas e uma porta) uma flor. No céu, repete o papel da família com três pássaros a voar (pais e filho), em que a mãe pássaro voa mais alto que o pai pássaro e o filho pássaro vem atrás. Num ponto mais alto está um pequeno sol esbatido e a palavra “eu”. O desenho está estruturado como linguagem, tem uma linha de base, os indivíduos têm volume e distinguem-se os seus sexos, as figuras estão definidas com os respetivos pormenores. Existe um realismo no desenho com uma perspectiva de profundidade e distância. (SANTOS, 2013, p. 5)

Assim, por fim, Santos (2013) atém-se às seguintes observações:

Denotam-se a consecução dos pormenores e o seu preenchimento, demonstrando ser exigente com o que faz. No desenho existe uma afirmação de si mesma, com uma repetição flexível do esquema da família. Observando o desenho, verifica-se que a menina tem um bom desenvolvimento maturacional, cognitivo e afetivo, estando na fase das operações concretas, apesar de revelar algumas características da fase denominada esquematismo. (SANTOS, 2013, p. 5).

Portanto, a partir das análises feitas anteriormente por Santos (2013), entende-se que, utilizar o desenho como uma ferramenta orientada na sala de aula, em busca de interpretações sobre a criança, auxilia o docente a aplicar suas atividades de uma forma eficaz.

No que se refere aos testes gráficos e aos desenhos de uma forma orientada, Borsa (2010) relata:

Apenas a partir do século XX que o desenho passou a ser utilizado como técnica de avaliação psicológica, para investigar habilidades cognitivas e características da personalidade humana. A esses tipos de técnicas, que possuem como principal estímulo o desenho, dá-se o nome de técnicas ou testes gráficos (BORSA, 2010, p. 1).

Dentre os testes gráficos existentes, o mais utilizado é o teste da árvore, o qual será demonstrado nesse estudo. Conforme Crotti e Magni (2011, p. 117) “o teste da árvore é uma ferramenta muito eficaz. A partir do ponto de vista psicanalítico, a árvore simboliza o eu, quer dizer, a energia que impregna a totalidade da pessoa e revela sua verdadeira essência”. Se a árvore representa a

própria pessoa que a desenha, portanto também apresenta fases, que vão de encontro com a fase que a criança está.

Conforme Crotti e Magni (2011) além do teste da árvore, existem outros que podem ser aplicados para crianças no intuito da análise de caráter, tais como: o teste da personagem, o teste da casa e a análise do desenho da família, porém esses não serão abordados neste estudo.

Conforme Crotti e Magni (2011, p. 118), para realização do teste da árvore deve-se ter à disposição da criança: um lápis, uma borracha, um apontador, sete cores (azul, verde, vermelho, amarelo, violeta, marrom e negro) e várias folhas de papel sem quadricular.

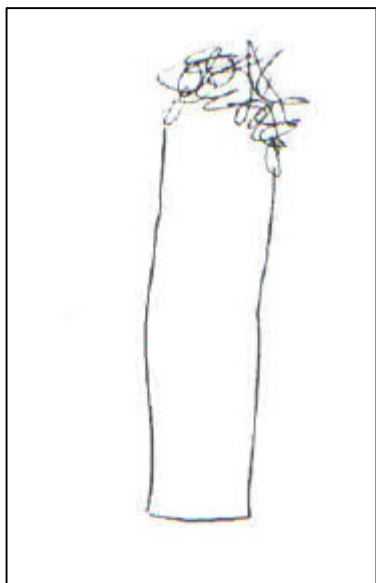
Ainda conforme Crotti e Magni (2011, p. 118), “convida-se o aluno a que realize o desenho sem utilizar réguas, nem outro tipo de material que coíba a espontaneidade da execução”. Para a criança o professor deve dirigir-se dizendo-lhe para que desene uma árvore qualquer, como a criança queira. Não há marcação de limite de tempo e o professor deve confirmar com a criança, ao término, se tem certeza de tê-lo concluído.

As imagens apresentadas a seguir mostram como ocorre a evolução do desenho infantil durante a execução desse teste.

“Logo no início da escolaridade da criança (4 e 5 anos) o desenho da árvore é representado simplesmente através de uma espécie de linha vertical, até que, pouco a pouco, vai tomando forma”. Crotti e Magni (2011, p. 118).

A FIG. 7 apresenta o desenho de uma árvore de uma criança de quatro a cinco anos.

Figura 7 – Desenho de uma árvore



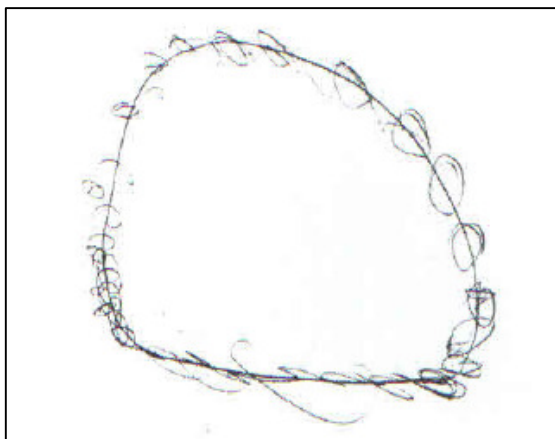
Fonte: Crotti e Magni (2011, p. 119)

Segundo Crotti e Magni (2011):

Nesta idade, a criança possui capacidade de representação bem estruturada e a habilidade gráfica permite-lhe realizar um desenho acabado e reconhecível, portanto esboçará uma árvore com traços elementares e básicos. Às vezes, um só traço reto ou que simplesmente se dobra, sem estar necessariamente fechado nos extremos, é já um esboço de árvore. Logo, esse desenho se fecha pelo extremo superior. Sobre esta linha de fechamento logo surgem traços finos que representam os ramos. (CROTTI E MAGNI, 2011, p. 119).

Porém, nem toda criança na mesma idade já desenvolveu a capacidade de representação gráfica, ou seja, não consegue representar aquilo que deseja, e acaba desenhando somente aquilo que ela acha relevante. Isso pode ser observado na FIG. 8, onde a criança esboça uma visão básica do que representa uma árvore para ela. Neste caso representado por um arbusto de poucas folhas.

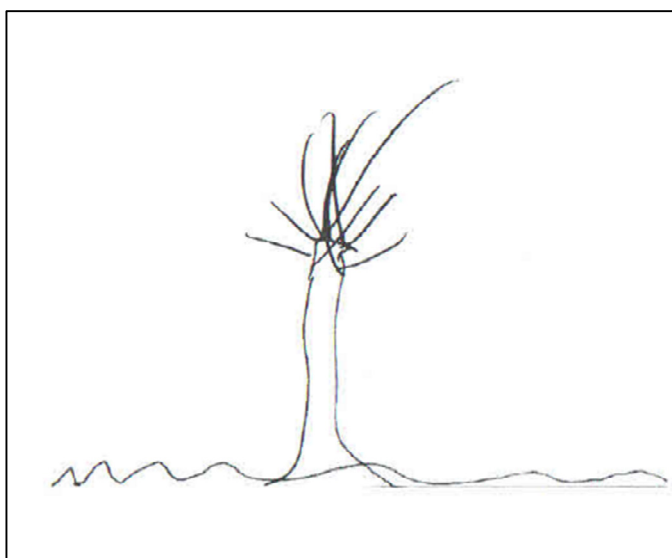
Figura 8 – Árvore de poucas folhas



Fonte: Crotti e Magni (2011, p. 119).

Na idade de cinco e seis anos a árvore toma forma e adquire cores naturais, deita raízes no solo e vai enriquecendo-se com detalhes, conforme FIG. 9.

Figura 9 – Árvore de criança de cinco e seis anos



Fonte: Crotti e Magni (2011, p. 120).

Nesse desenho da FIG. 9 observa-se a estruturação das raízes junto ao solo e maior definição dos troncos e dos ramos, ou seja, um enriquecimento dos detalhes conforme a criança vai se desenvolvendo.

Na idade de sete anos, a árvore evolui tomando proporções mais realistas e formas semelhantes às árvores de verdade, como visto na FIG. 10.

Figura 10 – Árvore de criança de sete anos



Fonte: Crotti e Magni (2011, p. 121).

Na FIG. 10 como a criança já possui maiores conhecimentos para detalhar seu desenho, observa-se que a árvore toma, ainda, mais proporção perto da realidade do que é uma árvore.

Assim, dando continuidade à importância da análise das características apresentadas no desenho, como citado nos capítulos anteriores, o desenho orientado também é cabível de possíveis análises.

Conforme Crotti e Magni (2011), “a posição da árvore no papel é de uma importância fundamental, pois representa o entorno”. De acordo com esta perspectiva, os autores, norteiam algumas possibilidades de interpretações conforme pode ser observado nas FIG. 11, FIG. 12, FIG. 13 e FIG. 14.

A FIG. 11 apresenta um desenho para o qual a criança utiliza toda a folha.

Figura 11 – Usando todo papel



Fonte: Crotti e Magni (2011, p. 122).

Crotti e Magni (2011) assim identifica essa criança:

A criança extrovertida explora sem medos seu entorno, e seu desenho ocupa praticamente, todo o espaço da folha (FIG. 11). Essa criança se desloca para cima e para os lados, sem inibição de nenhum tipo, com entusiasmo e generosidade, até o ponto de ser demasiado absorvente. (CROTTI E MAGNI, 2011, p. 122)

A FIG. 12 apresenta um desenho para o qual a criança não utiliza a folha toda, mas localiza-o no alto papel.

Figura 12 – Na parte mais alta do papel



Fonte: Crotti e Magni (2011, p. 122).

Sobre esse tipo de posicionamento do desenho realizado pela criança Crotti e Magni (2011) explicam:

A criança que situa a árvore na parte alta mostra uma natureza imaginativa. É idealista e sonhadora. No que se refere à sua disposição intelectual, pode-se dizer que as humanidades, a literatura e a filosofia são seus pontos fortes. (CROTTI E MAGNI, 2011, p. 122).

A FIG. 13 apresenta um desenho para o qual a criança utiliza o centro da folha.

Figura 13 – Na metade do papel



Fonte: Crotti e Magni (2011, p. 123).

Portanto, a criança que faz o desenho nessa posição, busca trazer para si todos os olhares que possui sobre o entorno em que vive e se acha extremamente importante.

A FIG. 14 apresenta um desenho que, ao ser feito, a criança utiliza somente o espaço mais baixo da folha.



Figura 14 – Na parte mais baixa do papel com muito espaço em cima



Fonte: Crotti e Magni (2011, p. 123).

Crotti e Magni (2011) assim esclarecem sobre esse desenho:

A árvore colocada na parte baixa, com muito espaço em cima, é frequente nas crianças pequenas. Não obstante, quando é um adolescente quem a desenha, devemos nos perguntar em que medida está disposto a afrontar a vida fora do contexto familiar. Normalmente, sente todavia, necessidade de proteção e segurança. A adolescência é uma época crítica, caracterizada por uma forte ambivalência entre o desejo de autonomia e liberdade e a necessidade, todavia presente, de apoio e proteção. (CROTTI E MAGNI, 2011, p. 123)

De acordo com Crotti e Magni (2011, p. 124), elementos fundamentais também devem ser analisados ao interpretar um desenho de árvore, sendo eles: raízes, tronco e folhagem.

Cada uma dessas partes tem um significado distinto e pode ser muito útil para o professor conhecer um pouco mais sobre a criança.

Para Crotti e Magni (2011) as raízes representam:

As raízes simbolizam a fertilidade, pois estão relacionadas com a mãe terra, que nutre e sustenta a totalidade da árvore. As raízes evocam o mundo das emoções, o laço estabelecido entre mãe (as raízes) e o filho (o tronco). O mundo emocional e instintivo permanecerá constantemente na recordação do sujeito e dessa área escura e escondida no solo é de onde o eu extrai toda a energia necessária para afrontar a vida. (CROTTI E MAGNI, 2011, p. 124).

O tronco também tem a sua significação específica. Crotti e Magni (2011) assim se posicionam sobre o tronco:

O tronco simboliza o eu, a percepção de si mesmo e a sensação de segurança da criança. Um tronco delgado mostra uma resistência debilitada diante das dificuldades e também uma necessidade de ser ajudado e protegido pelo adulto. A criança percebe-se a si mesma frágil, inclusive no plano físico. Por sua parte, um amplo e bem desenhado mostra um personagem bem estruturado, baseado na confiança de si mesmo e em sua própria competência. A estabilidade de um tronco bem desenhado é também um indício de força física, que permite melhor afrontar as dificuldades da vida. (CROTTI E MAGNI, 2011, p. 124).

Quando a criança coloca folhagens no seu desenho de árvore ela demonstra outras características suas. Segundo Crotti e Magni (2011):

A folhagem é o resultado da integração das raízes e do tronco e simboliza, assim, a proteção da criança voltada para o exterior. Os galhos crescem e se desenvolvem fora do espaço ocupado pelo eu (o tronco). Encarnam a abertura ou o fechamento com respeito à comunicação, à adaptação, à solidariedade e ao amor. A folhagem revela igualmente a capacidade da criança para redimensionar seu egocentrismo (representado pelo desenho de um tronco imponente), afim de projetar suas energias até os demais (os galhos). (CROTTI E MAGNI, 2011, p. 125).

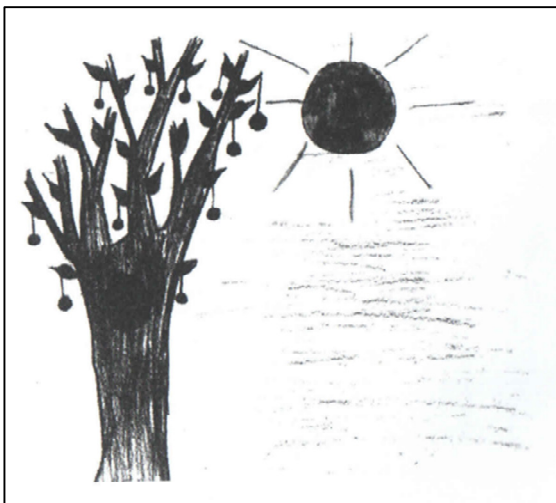
Os autores citam alguns outros elementos que também podem ser observados, tais como: árvores pouco habituais tem um significado preciso. O abeto<sup>5</sup> mostra uma criança nostálgica, muito apegada à família e que possui valores tradicionais, o salgueiro chorão indica que a criança tem uma elegância inata e uma firme vontade de não deixar-se dominar.

Uma árvore com frutos (FIG. 15) simboliza abundância e produtividade.

---

<sup>5</sup> Os abetos são árvores perenifólias (ou sempre-verdes), da família do pinheiro, valorizadas por sua madeira e pelas essências extraídas de suas folhas. São populares como árvores de natal. Existem mais de 40 tipos de espécies.

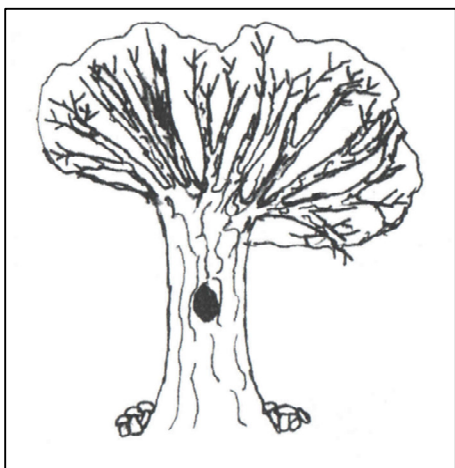
Figura 15 – Uma árvore com frutos



Fonte: Crotti e Magni (2011, p. 129).

Os adornos que aparecem na FIG.16, tais como, flores, cogumelos e caracóis representam a imaginação, a sensibilidade e a doçura, assim como também um princípio de desenvolvimento sexual.

Figura 16 – Uma árvore adornada



Fonte: Crotti e Magni (2011, p. 130).

Assim, diante da avaliação de um desenho orientado, é possível dar significações aos rabiscos de uma criança, o que permitirá que o docente compreenda melhor a necessidade de cada aluno, conheça suas limitações e

aplique, conforme analisado, a metodologia mais adequada para que essa criança se desenvolva e atinja os objetivos educacionais esperados.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de desenhar leva a criança à possibilidade de registrar sua imaginação, seus conhecimentos, suas percepções, emoções e assim criar um modo simbólico de objetivação de seu pensamento.

Na prática psicopedagógica, inúmeras vezes, os docentes deparam-se com momentos em que as crianças, por meio de seus desenhos, revelam por trás dos traços, das cores ou mesmo das posições que utilizam, as suas limitações ou dificuldades que vivem no seu meio social, familiar ou escolar.

Portanto, o desenho se torna um viés de comunicação entre o professor e o aluno, e cabe ao docente, buscar de uma forma sutil, observar e analisar as características presentes no mesmo, para a busca de uma prática pedagógica mais eficaz, de acordo com cada perfil.

A partir do estudo realizado é possível reconhecer a importância que o desenho apresenta para o desenvolvimento da criança, e também para a prática do professor, uma vez que, por intermédio do desenho, terá a oportunidade de conhecer seu aluno, seus sentimentos, seus medos, suas esperanças, seus problemas de vida, e assim, atuar de forma mais efetiva.

É também visto que o papel do docente é estimular o processo criativo de seus alunos, por meio de estratégias de motivação e adequação de práticas pedagógicas centradas na especificidade de cada um dos mesmos.

De acordo com os autores consultados é apreciado as diferentes características que um desenho pode apresentar, tais como, o espaço utilizado, a pressão exercida, as cores, tamanho, formatos, entre outros, e a forma que os mesmos podem ser interpretados pelo professor para uma análise de perfil da criança.

Sendo assim, o desenho se torna uma ferramenta muito prática para que o professor utilize em sala de aula, e desenvolva na criança aspectos gráficos, orais e de escrita, além de apresentar-se, também, como um importante canal de socialização da criança ao seu meio familiar e escolar.

Neste estudo constatou-se que o desenho como ferramenta pedagógica deve ser não somente analisado de uma forma livre, mas também aplicado de uma forma orientada pelo professor. Nesta questão, apresentou-se que, no meio acadêmico,

existem diversos testes orientados que podem ser aplicados, tais como: o teste da personagem, o teste da casa, a análise do desenho da família, entre outros.

Em se tratando de testes, conclui-se que um teste de fácil aplicação e análise, seria o teste da árvore, que, conforme citado pelo autor, representa a própria pessoa e, portanto, mostra, de uma maneira fácil, a fase que a criança se apresenta, sendo assim, uma ferramenta para que o professor possa analisar o perfil da criança em que se está aplicando e buscar uma prática pedagógica mais adequada.

Dessa forma, é importante ressaltar que a prática docente de compreender o desenvolvimento do grafismo na infância se faz necessária a fim de conhecer melhor a criança e fazer com que ela explore seu potencial e desenvolva-se de forma gradativa e eficaz.

Dentre essas análises, sugere-se: estudar as características que um desenho pode apresentar, para que a análise seja mais coerente e sensata; escolher um teste que se aproxime da realidade da criança, para que a mesma não se sinta impedida de mostrar seus sentimentos e revele, de uma forma mais fácil, suas emoções e pensamentos por meio do desenho; compor o perfil da criança de acordo com o ambiente em que vive, por meio do desenho analisado; e, por fim, escolher uma forma pedagógica mais eficaz ao perfil descrito.

De forma geral, nesta pesquisa constatou-se que o desenho é, sobretudo, além de uma brincadeira, uma ferramenta pedagógica que pode ser utilizada como subsídio para o professor conhecer o aluno e apoiar sua prática educativa.

Diante de todo exposto, conclui-se que o desenho faz parte do processo de desenvolvimento da criança e é um assunto relevante para o cenário educativo, pois somente uma análise teórico-reflexiva possibilitará aos educadores utilizarem, de uma forma cada vez mais eficaz, essa ferramenta de tão fácil acesso e perceberem sua praticidade no ambiente educacional, bem como buscarem ampliar ainda mais sobre a prática de desenhos livres e orientados.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, R.M; FRATARI, M.H.D. **O olhar do educador infantil frente ao desenho infantil e suas contribuições**. Faculdade Católica de Uberlândia – MG. Disponível em: < <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv3n5/artigo33.pdf>>. Acesso em: 18 de maio de 2017
- BÉDARD, Nicole. **Como interpretar os desenhos das crianças**. Editora Isis: São Paulo, 2010.
- BORSA, C. Juliane. **Considerações sobre o uso do Teste Casa-Árvore-Pessoa – HTP**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010. Disponível em:< [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712010000100017](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712010000100017)>. Acesso em: 31 de agosto de 2017.
- BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1977.
- BUENO, Silveira. **Silveira Bueno: minidicionário da língua portuguesa**. Ed. rev. E atual. – São Paulo: FTD, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000. Disponível em: <<https://filosofandoehistoriando.blogspot.com.br/2014/06/consciencia-imaginativa.html>>. Acesso em: 10 de outubro de 2017
- CROTTI, E; MAGNI, A. **Garatujas. Rabiscos e Desenhos. A linguagem secreta das crianças**. 2011. Editora Isis Ltda.
- DERDYK, E. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo Infantil**. São Paulo: Scipione, 1985.
- FERREIRA, L. D. **A importância do desenho na alfabetização de crianças**. 2015. V Encontro Científico e Simpósio de Educação Unisalesiano. 15 folhas. Disponível em:< <http://www.unisalesiano.edu.br/simposio2015/publicado/artigo0100.pdf>>. Acesso em: 01 de junho de 2017.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Publicado em 2016. Revisado em 2017. Disponível em: < <https://dicionariodoaurelio.com/desenhor>>. Acesso em: 31 de agosto de 2017.
- FRATARI, M.H.D.; ARAÚJO, R.M. **O olhar do educador infantil frente ao desenho infantil e suas contribuições**. 2011.13 folhas. Disponível em:< <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv3n5/artigo33.pdf>>. Acesso em: 11 de agosto de 2017.
- FREINET, Celestin. **Para uma Escola do Povo**. Tradução de Arlindo Mota. Lisboa, Presença, 1969. 213p.

\_\_\_\_\_. **O método natural: a aprendizagem da língua.** Lisboa: Estampa, 1977. 405 p. (p.77 – 176).

GONDIM, Caline. **Pinturas rupestres: a representação do homem primitivo.** Revista Temática, 2012

HANAUER, F. **Riscos e rabiscos: o desenho na educação infantil.** Erechim: v 37, n. 140, p. 73-82, 2013. Disponível em: <[http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140\\_374.pdf](http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140_374.pdf)>. Acesso em: 18 de maio de 2017.

LOWENFELD, V. **A criança e sua arte.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUQUET, G.H. **O desenho infantil.** Porto: Livraria Civilização, 1969.

MORAES, S; CURVELO, M.N. **2ª série – A arte das cavernas – 1ª unidade – 2015.** Disponível em:< <http://artenocolegiothales.blogspot.com.br/2015/05/2-serie-arte-das-cavernas-1-unidade-2015.html>>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

MOREIRA, A. A. A. **O espaço do desenho: A educação do educador.** São Paulo: Edições Loyola, 1984.

\_\_\_\_\_. **O espaço do desenho: a educação do educador.** São Paulo: Loyola, 1987.

\_\_\_\_\_. **O espaço do desenho: a educação do educador.** 12ª. Ed. São Paulo: Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_. **O espaço do desenho: a educação do educador.** 13ª ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

PEREIRA, A.F. **A interpretação do desenho infantil.** 2014. Disponível em:<<http://psicopfabio.blogspot.com.br/2014/01/a-interpretacao-do-desenho-infantil.html>>. Acesso em: 11 de agosto de 2017.

POSSA, k; VARGAS, A. C. **O desenho na Educação Infantil. Linguagem e expressão da subjetividade.** 2014. Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/efd193/desenho-na-educacao-infantil.htm>>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado.** São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, S. **Estudo de caso – A interpretação do desenho infantil.** 2013. Disponível em:<<http://educare.esse.ipcb.pt/index.php/educare/article/download/30/9>>. Acesso em: 12 de agosto de 2017.



SANTOS, N.L.J.C. **O desenho como construção e significação do desenho infantil.** 2016. 19 folhas. Disponível em:

<<http://faculdadeamadeus.com.br/graduacao/Web/content/content-anais/encontro-multidisciplinar/attachments/download/O%20DESENHO%20COMO%20CONSTRUCAO%20E%20SIGNIFICACAO%20DO%20PENSAMENTO%20INFANTIL.pdf>>.

Acesso em: 12 de agosto de 2017.

SIMAS, L.D. **Riscos e Rabiscos: a contribuição do desenho infantil para a alfabetização.** Salvador. 2011. Disponível em:<

<http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-Daiana-Leao-Simas.pdf>>.

Acesso em: 11 de agosto de 2017.

TOMÉ, L.P.O. **O que revelam, afinal, os desenhos infantis?** 2012. Disponível em:< <http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/377713/o-que-revelam-afinal-os-desenhos-infantis>>. Acesso em: 11 de agosto de 2017.